
*Atlas Linguístico-Etnográfico da Região
Oeste do Paraná/ALERO: uma descrição
preliminar do movimento diatópico
e diastrático da fala*

Sanimar **BUSSE** *

Resumo: Apresentamos neste trabalho algumas considerações sobre a descrição da variação linguística a partir dos princípios da dialetologia pluridimensional. A dialetologia ou geolinguística pluridimensional, na sua dimensão topodinâmica e cronodinâmica, tenta imprimir à descrição da fala o registro do movimento da língua, acompanhando o caminho de uma inovação no interior das relações dinâmicas que se estabelecem na sociedade. Os estágios dos fenômenos de conservação, inovação e transição são retratados, portanto, a partir da combinação dos registros areais (diatopia) às variáveis sociolinguísticas (diastrática, diassexual e diagenérica).

Palavras-chave: Língua; Sociedade; Variação.

Abstract: This paper presents some considerations on the description of the linguistic variation phenomenon based on the principles of pluridimensional dialectology. Dialectology, or pluridimensional geolinguistics, in its topodynamic and chronodynamic dimensions, attempts to include in the description of spoken language the recording of language movement,

* Aluna de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Londrina/UEL e Bolsista CAPES/DAAD. Docente do Colegiado de Letras – Universidade Estadual do Oeste do Paraná/Unioeste. Contato: sani_mar@yahoo.com.br.

following the track of a linguistic innovation within the dynamic relations established in the society. The phases of conservation, innovation and transition phenomena are therefore described in the basis of a combination of areal recordings (diatopy) and sociolinguistic variables (diastratic, diasexual and diagenetic).

Keywords: Language; Society; Variation.

Considerações iniciais

O fenômeno da variação linguística, em sua face mais explícita, a fala, representa o conjunto de forças que se estabelecem no complexo jogo das interações sociais. Partindo do fato de que determinados contextos linguísticos têm em sua constituição grupos com características ímpares, é possível observar nas diferentes manifestações, que compreendem modos de pensar, organizar e interagir com a realidade, um panorama polimórfico da realidade linguística. Em contextos de interação, identificados pelo seu polimorfismo cultural, a fala coloca-se como elemento que filtra, separa e organiza os substratos da história e da cultura.

A capacidade de fazer representar de diferentes formas a realidade não é condição apenas de grupos heterogêneos; mesmo em comunidades relativamente homogêneas é possível perceber essa realidade, que se coloca como uma réstia por onde se vislumbram sombras do passado que se unem como elos da história. A fala abriga, portanto, nos seus traços o presente e o passado e, por meio deles, reconstitui o trajeto dos grupos no espaço e no tempo. Este polimorfismo, resultado dos entrelaçamentos entre os diferentes momentos da história, tem levado estudiosos a se debruçarem sobre o fenômeno da variação, buscando descrever e analisar a fala na sua versão mais plástica e móvel.

A dialetologia, tomando o espaço areal como contexto para a investigação da fala, apresenta quadros multiformes da realidade linguística, em que a descrição da fala nos espaços geográficos constitui verdadeiros documentos do registro dos elementos que se unem à história, à cultura, aos percursos, aos trajetos no espaço e aos contatos entre as diferentes culturas.

Se os registros de um atlas permitem visualizar a distribuição espacial das variantes linguísticas, por outro lado, levam a conjecturas sobre as condições de aparecimento ou não de dado fenômeno. Isso porque as cartas linguísticas não são representações opacas da realidade, cujos registros se esgotam em si, mas se oferecem em sua dupla feição como registros da história dos homens. Trata-se, portanto, de uma dupla arealização: (i) do espaço e das rotas ou trajetos entre os pontos; (ii) da sociedade e das projeções que os dados acionam no interior das variáveis extralinguísticas.

Tomando o fenômeno da variação num determinado espaço geográfico como elemento capaz de se mover no ambiente e de, na interface sociocultural, acompanhar os movimentos dos grupos e indicar os condicionadores da fala, as descrições que se voltam para as tentativas de documentação da fala delineiam também a função das variáveis extralinguísticas.

Apresentamos no presente texto uma descrição preliminar da fala, considerando o tempo e o espaço como categorias que condicionam o aparecimento ou não de determinada variante, bem como o entrecruzamento das variáveis sociais. Para tal, utilizamos dos dados do *Atlas Lingüístico do Paraná* – ALPR (AGUILERA, 1994) e de dados preliminares coletados para o projeto de pesquisa de doutorado¹ (BUSSE, 2007).

O estudo em tela toma os princípios teóricos e metodológicos da dialetologia pluridimensional para descrever e analisar a fala numa área geográfica marcada por zonas de homogeneidade e zonas de heterogeneidade étnico-cultural. Os dados selecionados parecem apontar para o registro do polimorfismo da fala identificado nas dimensões diasssexual e diageracional.

¹ Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina (2007-2011), sob orientação da Professora Doutora Vanderci de Andrade Aguilera.

“Como a língua segue funcionando (na sua estrutura) enquanto muda?” Essa questão levou Weinreich; Labov e Herzog (2006) a proporem como condição essencial da língua a heterogeneidade, que do ponto de vista diacrônico ou sincrônico é ‘ordenada’. Segundo os autores, a mudança ocorre sob limites, pois “nem toda mudança é possível, há restrições também quanto à possibilidade de fatores condicionantes” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 16).

Ao asseverar que a “língua não pertence à ordem causal (não é aleatória, não é involuntária, não é natural) mas à ordem final, aos fatos que se determinam por sua função”, Coseriu (1988, p. 29) reconhece a mudança como ordenada, e as ‘restrições’ como condições que coabitam o campo da finalidade, da atividade e do existir concreto da língua. Pode-se considerar que se trata de um ‘processo’ no qual se manifestam ‘aspectos’ que emanam de um jogo de forças sociais e estruturais.

Tomando a heterogeneidade como princípio para a descrição da mudança na língua, Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 17) propõem um roteiro de problemas aos quais as descrições e análises dos fenômenos da variação devem fornecer respostas:

- a) a questão dos *fatores condicionantes* (mudanças e condicionantes possíveis): quais são as instâncias ou variáveis sociais que atuam nos contextos de mudança;
- b) a questão da *transição* (os estágios intervenientes entre dois estados da língua);
- c) a questão do *encaixamento* (o entrelaçamento das mudanças com outras que ocorrem na estrutura linguística e na estrutura social);
- d) a questão da *avaliação* (os efeitos da mudança sobre a estrutura e o uso da língua);
- f) a questão da *implementação* (razões para mudanças ocorrerem em certa língua numa dada época).

Em todos os problemas podemos perceber a preocupação em descrever a variação estabilizando os fatores internos e externos da língua, prevendo as condições e as restrições dos contextos de fala. Trata-se de uma proposta complexa e que exige rigor nas

análises que se propõem a penetrar os subterrâneos da língua e percorrer os veios da fala.

Os atlas linguísticos, segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 26), têm representado a heterogeneidade linguística nos diferentes espaços, apresentando as “num ‘continuum’ de fragmentos sutilmente subdivididos”.

A dinamicidade de determinado traço ou variante linguística, representada nas cartas linguísticas, deve ser analisada à luz dos condicionadores sociais que compõem o contexto de realização da fala. Os condicionadores extralinguísticos (variável geracional, sexual e nível social) podem assumir formas e papéis diversos em cada situação e/ou ponto de uma área geográfica delimitada. Assim, para uma descrição mais detalhada, a dialetologia pluridimensional concebe as dimensões a partir de parâmetros que desdobram a realidade linguística na descrição da fala.

Segundo Cardoso (2002, p. 251), características de ordem sociocultural dos falantes, como idade, gênero e escolaridade, tornam-se elementos de investigação que convivem “com a busca de identificação de áreas geograficamente definidas do ponto de vista dialetal”. E, ao abrir o leque de variáveis, a dialetologia representa a língua na sua forma mais viva e dinâmica, possibilitando uma análise dos entrelaçamentos e das relações entre o contexto externo e interno da fala.

As condições ou restrições que atuam nos contextos de realização da fala acabam por impulsionar as investigações sobre o fenômeno da variação em áreas descritas pelo seu polimorfismo linguístico, na tentativa de registrar os graus cambiantes da fala a partir dos deslocamentos geográficos e sociais.

1 A dialetologia pluridimensional e o plano relacional da fala

As pesquisas geolinguísticas surgem a partir da contestação das teorias neogramáticas com relação à regularidade e à uniformidade das alterações fonéticas da língua. Segundo Brandão (2005), a propagação das teorias neogramáticas gerou polêmicas e motivou “pesquisas dialetais que, ao contrário de confirmá-las,

acabaram por refutá-las em grande parte” (BRANDÃO, 2005, p. 8).

Tomando o espaço geográfico como contexto para o estudo da variação, a geolinguística vem demonstrando que as variantes seguem rotas traçadas pelo trajeto do homem por diferentes territórios e, se instaladas ou em trânsito, tomam formas particulares em função das condições em que ocorrem.

A possibilidade de reconhecer e descrever o fenômeno da variação num espaço geográfico, apresentando, segundo Brandão (2005, p. 11), um “precioso inventário de formas”, nas quais se vislumbra “uma visão dinâmica de cada fato descrito, pela comparação simultânea com outros nele expostos, ensejando conclusões também de natureza histórica”, levou a Dialetoлогия a se preocupar com a descrição de áreas conservadoras e inovadoras, dos centros de irradiação cultural e das zonas de transição. Contudo, as descrições sempre estiveram circunscritas às complexas instâncias culturais, históricas e sociais que acabaram por estreitar o diálogo entre a dialetoлогия e outras áreas, como a história, a antropologia e a sociologia, entre outras.

Por reconhecer que nos dialetos está a “biologia da linguagem, que não é senão que outra coisa que a marcha do espírito sobre as palavras que, de algum modo, são a sua vestidura” (ALVAR, 1996, p. 2), os estudos dialetológicos tomam por objeto a fala, representada no espaço geográfico, como uma coleção de elementos da história e da cultura que, pela inserção em determinada sociedade, sofre os efeitos da dinâmica e da complexa relação estabelecida entre os fatores intra e extralinguísticos.

Cardoso (2002) destaca que, desde os primórdios dos estudos dialetais, os dialetólogos tiveram sensibilidade para as variáveis sociais; a novidade, porém, é “o enfoque que essas variáveis recebem e o tratamento a que são submetidas” (CARDOSO, 2002, p. 220). Segundo Pottier (1996), a dialetoлогия tem como objeto central o estudo dos “diversos dialetos da língua através dos espaços geográficos”, mas não há dúvida, conforme assevera, de que “a geografia humana, a econômica e a cultural também se refletem nessa tela de atividades sociais de onde se

projetam os padrões lingüísticos dos falantes” (POTTIER, 1996, p. 41).

Buscando o conhecimento “dos mecanismos com que opera uma língua e dos fatores que determinam sua evolução” (BRANDÃO, 2005, p. 12), a dialetologia se move em direção aos princípios sociolinguísticos e toma aqueles que possam elucidar os fenômenos descritos nas cartas linguísticas para, assim, traçar uma análise da face dinâmica da fala.

A face mais social da dialetologia diatópica manifesta-se e define-se em termos metodológicos a partir do que se denominou como crise ou divisão da geolinguística românica, identificada por Thun e Radtke (1991) como momento em que a disciplina se defronta com a necessidade de descrever falares que transpusessem os espaços mais isolados, de conservação e purismo linguístico. Esta atitude estava presente desde o princípio, conforme declara Cardoso (2002), mas, diante da possibilidade de identificar, descrever e dar tratamento aos dados por meio da cartografiação, aflorou nos últimos anos, ampliando a concepção dos espaços geográficos, das variáveis sociais para a seleção dos informantes e da coleta dos dados, incluindo, por exemplo, elementos referentes ao contato entre línguas e dialetos.

A dialetologia pluridimensional e relacional dispõe, metodologicamente, de um conjunto de parâmetros que busca recobrir a dimensão espacial e a dimensão social, imergindo até os níveis mais profundos do contexto interno e externo da língua. A descrição da variação busca romper com uma possível estaticidade dos fenômenos descritos pela dialetologia tradicional ou monodimensional, para representá-los num universo regido pelos movimentos e pelas forças da história, da cultura e da organização social dos grupos.

Segundo Thun (2000), a dialetologia pluridimensional, que busca se distinguir da dialetologia tradicional “pela arealização complexa, pela desarealização e pela quantificação” (THUN, 2000, p. 196) pode responder a duas questões para as quais a geolinguística tradicional e a sociolinguística não têm encontrado resposta: (i) “Até que nível social, idade, estilo etc. estende-se um fenômeno

linguístico identificado numa área entre os locutores de um mesmo nível social, de uma mesma faixa etária ou expressando-se num mesmo estilo?"; (ii) "Até que área chega um fenômeno constatado em uma ou várias camadas sociais que convivem num mesmo lugar, em vários grupos etários, em vários estilos, etc.?" Para tal, na sua dimensão topodinâmica e cronodinâmica, a geolinguística tenta registrar elementos que constituem o contexto de uso da língua (eixo extralinguístico) e o contexto da própria língua (eixo intralinguístico), buscando abarcar o maior número de informações referentes à língua a ser descrita.

O conjunto de dimensões que busca refletir sobre as variáveis na descrição da variação num espaço geográfico é compreendido mais pela sua constituição sociocultural do que pela sua posição físico-geográfica. As dimensões sociais cindem-se para deixar vir à tona os cenários que regem as especificidades dos traços linguísticos em cada realização. Thun (2005, p. 71) apresenta um roteiro para as dimensões organizando-as a partir de parâmetros que explicitam a realidade da fala nas localidades investigadas:

- a) Dimensão Dialingual: as línguas em contato;
- b) Dimensão Diatópica: topostática;
- c) Dimensão Diatópica Cinética: topostático e topodinâmico;
- d) Dimensão Diastrática: socioculturalmente elevado e inferior;
- e) Dimensão Diageracional: geração I e II;
- f) Dimensão Diassexual: feminino e masculino;
- g) Dimensão Diafásica: leitura, conversa livre, resposta;
- h) Dimensão Diarreferencial: objetividade e metalinguagem.

As dimensões e os parâmetros de um atlas pluridimensional apontam para um novo conceito do espaço linguístico, com estudos que abrangem o âmbito horizontal (contrastivo), vertical e diagonal da fala. Segundo Thun (1998), as atuais pesquisas caracterizam-se pelo triplo esforço de melhorar a recolha dos dados, de visualizar as grandes estruturas formadas pelos fatos individuais e de estender a tradicional superfície constituída pela dimensão diatópica em

espaços linguísticos que se desdobram e que se unem a outras dimensões verticais como a dimensão diastrática.

O atlas topodinâmico pluridimensional tem por objetivo registrar também a fala em grupos com uma história migratória (grupo com mobilidade horizontal identificável); para tal, a seleção da rede de pontos prevê movimentos de imigração que devem ser seguidos de uma fase razoavelmente longa de “sedimentação” residencial e linguística, dispersão do grupo sobre um território e a análise contrastiva com grupos de fala de origem com grupos de fala tradicional na zona de chegada. A possibilidade do levantamento linguístico da zona de origem (cronodinâmica) dos informantes, por meio de estudos já publicados, visa a identificar os fenômenos estáveis, os fenômenos em curso e as mudanças acabadas.

2 O percurso da fala no decurso da história e a constituição de identidades

Para uma compreensão do papel das variáveis extralinguísticas, com relação aos fenômenos de conservação, inovação e transição linguística, buscamos alguns elementos da formação histórica e cultural, levantando os dados que orientem a variação linguística a partir da ocupação e da transformação dos espaços.

O falar paranaense tem sido descrito a partir da compartimentação do seu território conforme os diferentes processos de povoamento, que se deram em períodos e de modos diferenciados (MERCER, 1993). O atravessamento étnico-cultural na fala acaba por delinear isoglossas, áreas e subáreas linguísticas e demarcar fronteiras entre os traços linguísticos, que correspondem à cultura dos falantes que primeiro habitaram os espaços e deixaram para trás uma identidade que se insinua na e pela língua.

Se no território paranaense as áreas linguísticas foram definidas pelas ‘ondas colonizadoras’, podemos encontrar na região Oeste alguns espaços que também esboçam um quadro linguístico representativo da formação histórico-cultural das localidades.

O Oeste paranaense tem seu cenário histórico marcado por períodos de povoamento com a presença de espanhóis (Reduções), portugueses (Bandeirantes e Reduções), argentinos e paraguaios (Obrages) e, na sua fase “moderna”, colonizadores gaúchos, catarinenses, paranaenses, mineiros, baianos e paulistas, entre outros. Identificada de forma emblemática como “Marcha para o Oeste”, a ocupação das terras oestinas nas décadas de 1950 e 1960 estava assentada nas ações oficiais do governo (Período Vargas), em que se propalava um nacionalismo exacerbado e se buscava um Estado fortalecido e centralizador. Diante desse quadro, Gregory (2005) destaca que os planos de ação do governo, executados pelas companhias madeireiras e colonizadoras, eram implementados por meio da seleção de colonos que se adaptassem à região e que fossem do sul do Brasil, descendentes de alemães, italianos e de “outros imigrantes acostumados com a lida agrícola colonial na pequena propriedade” (GREGORY, 2005, p. 93).

O esforço por desbravar terras desconhecidas e ali transplantar a cultura e o modo de organização social resultou na constituição de áreas culturalmente mais homogêneas. Formaram-se, assim, núcleos de colonização, marcados por características étnico-culturais, com maior concentração de descendentes de alemães e italianos, como em Marechal Cândido Rondon, Santa Helena, Toledo e Medianeira; de paranaenses do norte e noroeste do Paraná, paulistas e mineiros, como em Assis Chateaubriand e região mais ao norte. Em torno desses núcleos surgiram outros povoados, que podem ser descritos pela sua heterogeneidade cultural proveniente da mistura de moradores de diferentes regiões do Paraná, de São Paulo, de Minas Gerais, de Santa Catarina, do Rio Grande do Sul e do Nordeste do Brasil, como Guáira, Cascavel, Guaraniaçu, Santa Terezinha de Itaipu e Capitão Leônidas Marques. Assim, embora as áreas de conservação se destaquem, há zonas de transição em que as diferentes culturas conviveram, preservaram, transformaram e adaptaram seus hábitos, seus costumes e sua fala.

Os registros do *Atlas Lingüístico do Paraná – ALPR* (AGUILERA, 1994), do *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* – ALERS (KOCH; KLASSMANN, ALTENHOFEN, 2002)

e do *Atlas Lingüístico do Paraná* – ALPR II (ALTINO, 2007) apontam para a formação de subáreas na região, as quais se manifestam pelo conservadorismo e pela transição com relação a alguns traços linguísticos.

O projeto *Atlas Lingüístico-Etnográfico do Oeste do Paraná* – ALERO (BUSSE, 2007) tem por objetivo descrever, a partir dos princípios da dialetologia pluridimensional, o fenômeno da variação linguística, levantar e identificar o papel dos grupos étnico-culturais e das variáveis extralingüísticas nos fenômenos que caracterizam áreas e zonas mais conservadoras, inovadoras e de transição.

3 Dimensões diassexual e diageracional: pistas para uma descrição da fala

Expomos aqui alguns registros mapeados nas cartas linguísticas que descrevem a fala paranaense a partir das dimensões diassexual e diageracional. As reflexões são um esboço de análise dos fenômenos registrados no interior das variáveis extralingüísticas e do seu decurso no espaço e no tempo.

Para uma visualização do uso das variantes, apresentamos informações dos dicionários Bluteau (1712-1728) e Houaiss (2002). O *Vocabulário Português e Latino*, de Raphael Bluteau, é o primeiro dicionário monolíngue da língua portuguesa. A edição consultada foi digitalizada e está disponível no site do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da USP.² O Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa³ pode ser considerado uma das fontes mais consultadas e mais acessíveis para pesquisas sobre o vocabulário da língua portuguesa.

Os dados, retirados de cartas linguísticas do *Atlas Lingüístico do Paraná* (AGUILERA, 1994), e os registros preliminares coletados para o projeto de pesquisa *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Oeste do Paraná* – ALERO (BUSSE, 2007) podem ser tomados como

² Disponível em: <<http://www.ieb.usp.br/online/index.asp>>.

³ Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br>> (restrito a assinantes UOL).

indicativos da variação diatópica em toda dinamicidade histórica e cultural de ocupação dos espaços físicos e sociais. As cartas foram selecionadas a partir da descrição das variantes considerando as variáveis sexo e faixa etária e seu papel para a formação de contextos de conservação, inovação e transição linguística no Estado do Paraná e na região Oeste.

Com relação à variável sexo, ou dimensão diassexual, segundo Trudgill (1974), alguns estudos sociolinguísticos demonstram que as mulheres são mais conscientes do *status* social das formas linguísticas do que os homens e, por essa razão, são mais sensíveis à significação das variantes linguísticas nas relações sociais. A diferença na fala de homens e mulheres pode estar relacionada a atitudes sociais, pois homens e mulheres comportam-se de maneira distinta nas várias situações sociais. Paiva (2004) destaca que as diferenças mais evidentes entre a fala de homens e mulheres situam-se no plano lexical. A autora ainda destaca que a análise da dimensão social da variação e da mudança linguística não pode ignorar que a ocorrência de variantes envolve formas padrão e não padrão, assim como processos de implementação, inovação e conservação linguística.

Para uma exemplificação do papel de homens e mulheres quanto aos fenômenos de variação linguística nos processos de conservação e inovação, selecionamos as cartas 49 e 86 do *Atlas Lingüístico do Paraná* (AGUILERA, 1994). Na carta 49, que registra as variantes *maçanilha* e *camomila* para “florzinhas brancas com miolo amarelinho, ou florzinhas secas que se compram na farmácia ou no supermercado e servem para fazer um chá amarelinho, cheiroso, bom para dor de barriga de nenê/bebê e até de adulto e também para acalmar” (AGUILERA, s.d.), encontramos certa regularidade entre as variantes. A variante *maçanilha* está presente entre os homens em seis pontos, e entre as mulheres, em oito; *camomila* aparece em dez pontos entre os homens e em onze, entre as mulheres. Ou seja, não há uma diferença de uso entre os gêneros, destacando um uso maior da variante *camomila*.

Diatopicamente, a variante *maçanilha* estende-se de leste a oeste, percorrendo toda a região sul do Estado, onde ocorre a

maior concentração da forma. No Litoral, em direção ao Centro, no Oeste e no extremo Sul, formam-se as áreas de transição, com o registro de *camomila*. No Norte, a variante *camomila* encontra-se distribuída de leste a oeste, contrapondo-se, assim, ao Sul e ao Centro do Estado.

Houaiss (s.d.) registra *maçanilha* como “pequena maçã; maçãzinha, maçãzita”, de etimologia espanhola. Para *camomila*, Houaiss (s.d.) apresenta as variantes *camomila-dos-alemães*, *camomilba*, *macela*, *margaça*, *matricária*.

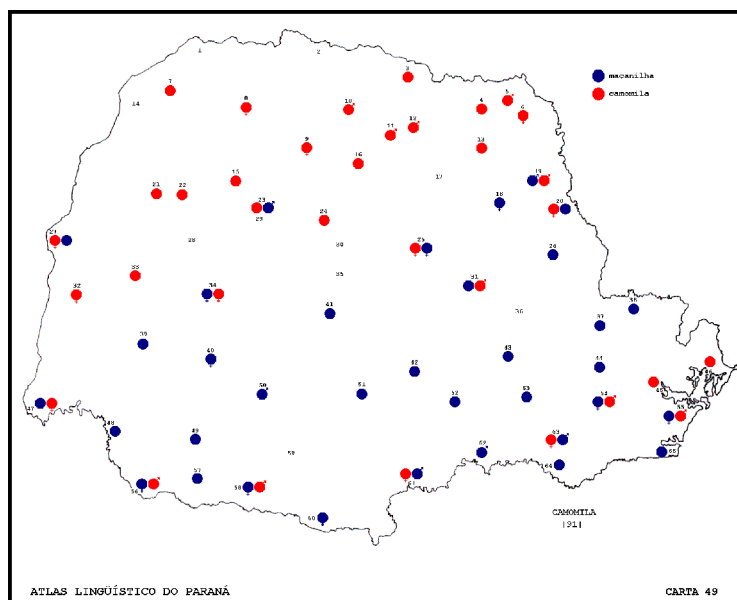


Figura 1 – Camomila, Carta 49 do ALPR (AGUILERA, 1994)

Conforme os registros apresentados na carta 46, com relação à variável sexo, podemos observar que não há diferenças entre o uso de uma e outra variante. Contudo, o mapeamento nos oferece o seguinte panorama:

- (i) *maçanilha* é mais produtiva entre as mulheres no Litoral paranaense, em oposição ao Sudeste, onde aparece com maior vitalidade entre os homens; reaparecendo novamente entre as mulheres no Sul e numa área do Oeste;
- (ii) *camomila* apresenta maior produtividade no Leste em direção ao Norte entre os homens; no Oeste, as mulheres apresentam um maior número de registro da variante;
- (iii) *maçanilha* e *camomila* coocorrem, entre homens e mulheres, no Litoral e em toda a faixa Sul do Estado, prevalecendo, porém, a variante *maçanilha* entre as mulheres.

Os dados apontam para um conservadorismo na fala das mulheres, que pode estar ligado às práticas domésticas e ao cultivo de hábitos e tradições familiares. Ainda podemos considerar o papel do homem como elemento responsável pela introdução de formas inovadoras no grupo. É o que se observa em alguns pontos mais ao Sul do Estado, com relação à variante *camomila*.

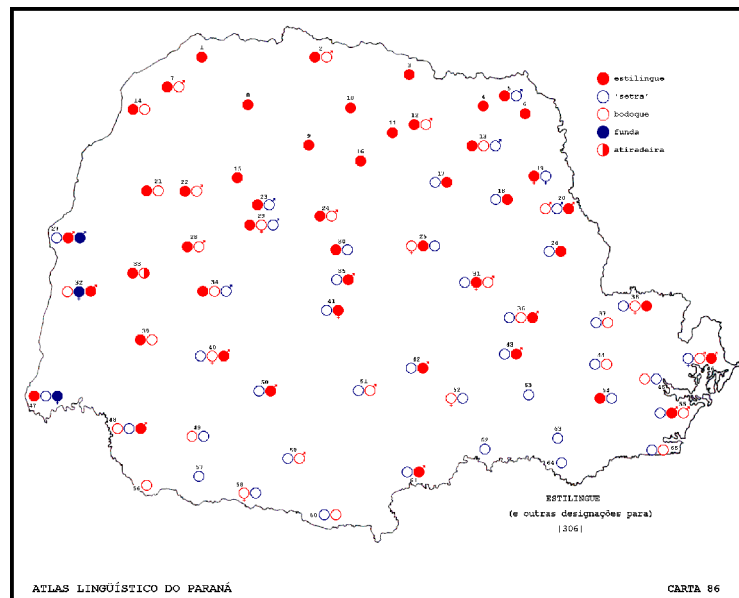


Figura 2 – Estilingue, carta 86 do ALPR (AGUILERA, 1994)

Na carta 86, há o registro de cinco variantes para “o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha, que os meninos usam para matar passarinho” (AGUILERA, s.d.), quais sejam: *estilingue*, *bodoque*, *setra*, *funda* e *atiradeira*. O mapeamento dos usos das variantes nos revela diferenças diatópicas e diasssexuais.

Em Bluteau (1712-1728) encontramos a forma *bodoque* fazendo referência à bala de barro, e *besta* como arco de atirar setas, com a *besta* de *bodoque* se atiravam as balas de barro. Para *bodoque*, Houaiss (s.d.) apresenta as seguintes explicações: (i) trata-se de diacronismo: antigo; (ii) é uma pelota de argila cozida que se arremessava com certo tipo de *besta*; (iii) *besta* usada para arremessá-la; (iv) regionalismo brasileiro; (v) variante *atiradeira*. Segundo Houaiss (s.d.), *estilingue* é um regionalismo brasileiro, e as variantes são *atiradeira* e *bodoque*. Segundo Bluteau (1712-1728), *funda* é um instrumento de cordas que serve para atirar pedra com maior força. O termo deriva de *fundabulum*, palavra de baixa latinidade, que antigamente significava uma máquina com a qual se atiravam pedras. Houaiss (s.d.) apresenta as variantes *atiradeira*, *catapult*, *estilingue* e *fundibulo*.

Diatopicamente podemos observar a formação de áreas de maior concentração no Litoral, com a variante *setra*, seguida de *estilingue* e *bodoque*. No Norte, a forma *estilingue* coocorre com *setra* e *bodoque*, tomando o Leste em direção ao Sul; no Oeste, registram-se *estilingue* e as variantes *funda*, *bodoque* e *setra*.

Diassexualmente, com relação às variantes mapeadas, o quadro que se apresenta pode ser assim descrito:

- (i) *estilingue* é a forma mais produtiva. Entre os homens, ela é registrada no Centro, em direção ao Oeste paranaense;
- (ii) *setra* aparece entre falantes do sexo masculino no Leste, em direção ao Norte;
- (iii) *bodoque* se concentra entre os homens na área mais ao Norte do Estado; entre as mulheres, a variante é registrada com maior vitalidade no Centro do Estado;
- (iv) *funda* tem seu registro concentrado no Oeste, principalmente entre as mulheres.

Os dados registrados na carta apontam para uma homogeneidade na fala feminina, principalmente com relação às formas *bodoque* e *funda*. Entre os homens há uma maior variação, com o registro de *estilingue* e *bodoque* em todo o Estado, seguido de *setra* e *bodoque* nas demais áreas. Provavelmente, o contexto de uso do referente atue como condicionador da fala feminina. Trata-se de um brinquedo de meninos, o contato e a socialização nas brincadeiras pode ter levado os homens a possuírem um maior número de formas para nominá-lo.

A variável faixa etária se apresenta como contexto favorável para a identificação de formas conservadoras e inovadoras da fala. Labov (1972; 1994) dedicou-se à definição de uma metodologia de descrição da mudança linguística em curso. Apresentou a pesquisa em *tempo real* e a pesquisa em *tempo aparente*. Assim, para uma verificação da mudança linguística em curso, o regresso à comunidade depois de um lapso de tempo para repetir o mesmo estudo pode fornecer dados em *tempo real*, diferentemente de seguir a pista da mudança em *tempo aparente*, com a distribuição das variáveis linguísticas por faixas etárias (LABOV, 1994).

As cartas na sequência apresentam um mapeamento preliminar dos registros da pesquisa para elaboração do *Atlas Linguístico-etnográfico da Região Oeste do Paraná – ALERO* (BUSSE, 2007). Os dados foram colhidos entre falantes com escolaridade até o Ensino Médio, de quatro localidades da rede de pontos: a) Ponto 02 (Assis Chateaubriand); b) Ponto 04 (Santa Helena); Ponto 05 (Medianeira) e Ponto 08 (Cascavel), distribuídos em duas faixas etárias: GI (18 a 35 anos) e GII (45 a 65 anos).

Na carta A, com o registro das variantes para “brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha, que os meninos usam para matar passarinho” (BUSSE, 2007), podemos observar que a variante *estilingue* é registrada pela maior parte dos informantes do sexo masculino, da primeira e segunda geração, com exceção do Ponto 04 (Santa Helena), onde predomina o registro da forma *bodoque*. Entre as mulheres, a variação entre as formas *estilingue* e *bodoque* é mais distribuída, principalmente na primeira geração.

As áreas de maior concentração estão localizadas nas áreas ao norte e oeste da Região, confirmando a realidade da fala que está relacionada ao povoamento; na primeira, colonizadores do norte do Estado, do sudeste e do nordeste do Brasil; na segunda, colonizadores sulistas, de descendência alemã e italiana.

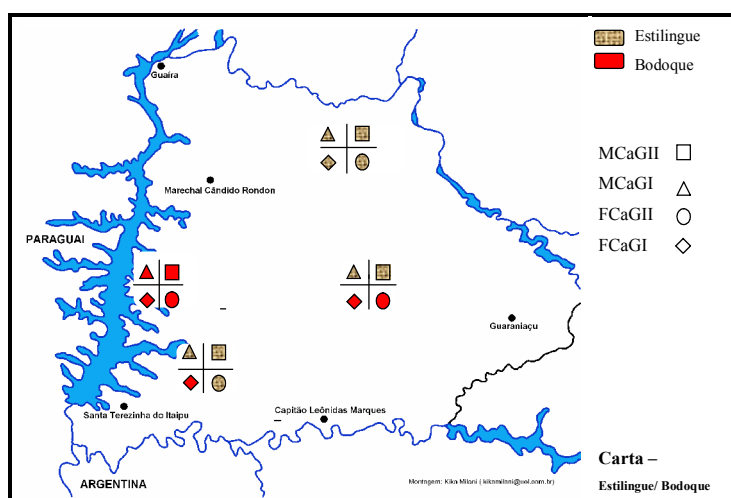


Figura 3 – Carta A do Atlas Linguístico-etnográfico da Região Oeste do Paraná-ALERO (BUSSE, 2007)

Os dados ratificam as informações da carta 86 do *Atlas Linguístico do Paraná* (AGUILERA, 1994), com relação à distribuição diatópica das variantes *estilingue* e *bodoque*.

Os registros ainda apontam para uma provável mudança linguística em curso, com o desaparecimento e/ou diminuição das formas *setra* e *funda* e a difusão de *estilingue* em áreas mais conservadoras, como o Ponto 05 (Medianeira), de colonização ítalo-brasileira.

Na dimensão diageracional, a variante *estilingue* é mais produtiva entre falantes do sexo masculino da segunda faixa etária. Entre as mulheres a variação é maior, com o registro das formas *bodoque* e *estilingue*.

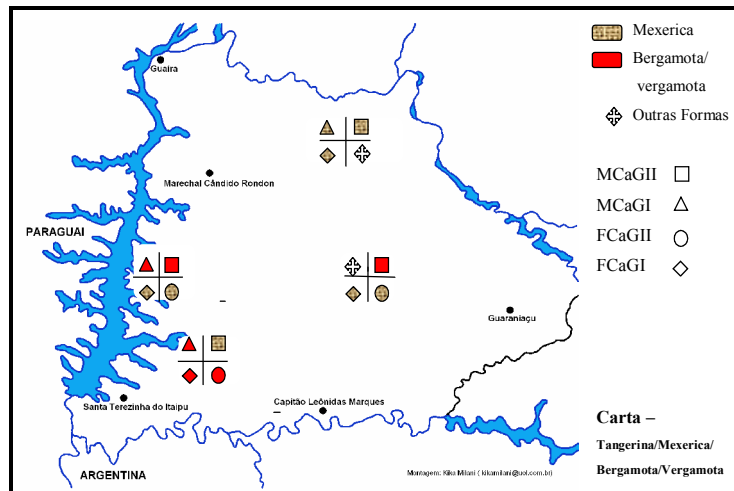


Figura 4 – Carta B do Atlas Linguístico-etnográfico da Região Oeste do Paraná-ALERO (BUSSE, 2007)

A carta B, com o mapeamento das variantes para “frutas menores que a laranja, que se descascam com a mão e, normalmente, deixam um cheiro na mão” (BUSSE, 2007), revela uma grande variação diageracional, esboçando áreas mais homogêneas e áreas de transição.

Em Bluteau (1712-1728) encontramos *bergamota* fazendo referência à *pêra bergamota*, assim chamada porque as primeiras frutas foram trazidas da cidade de Bêrgamo. Houaiss (s.d.) registra como *variedade de pêra sumarenta e designação dada às plantas odoríferas*. Destaca, também, o regionalismo do termo em Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Apresenta, ainda, a variante *tangerina* e, quanto à etimologia, destaca que o nome é atribuído ao fruto pelo fato de o odor forte denunciar quem o comeu.

Com relação à dimensão diageracional, podemos observar que as variantes *mexerica* e *bergamota* estão distribuídas na fala de homens e mulheres da segunda geração (45 a 65 anos). Na primeira geração (18 a 35 anos) ocorre uma homogeneidade maior nas áreas ao norte (*mexerica*) e ao sul (*bergamota*), contrastando com os pontos

04 (Santa Helena) e 08 (Cascavel), em que prevalecem na fala feminina a forma *mexerica*, e na masculina, *bergamota*. Provavelmente, as mulheres, independentemente da idade, registrem a variante *mexerica* como forma inovadora, se assim a considerarmos.

Advertimos que as considerações expostas no texto se deram a partir de dados preliminares registrados de forma ilustrativa nas cartas A e B (figuras 3 e 4, respectivamente). A ausência de uma análise mais detalhada com relação ao condicionamento da dimensão diageracional na fala se deve à ausência de maiores dados sobre as variantes registradas.

Considerações finais

Apresentamos aqui um esboço de descrição do fenômeno da variação linguística a partir de dados coletados em períodos diferenciados. Embora algumas considerações possam parecer prematuras, em função da escassez de materiais para consulta, os dados confirmam, porém, os princípios da dialetologia pluridimensional, de que a descrição das variantes nas diferentes dimensões leva a uma avaliação relacional, em que as variáveis se entrecruzam de maneira dinâmica.

Os dados apontam para um entrelaçamento entre as dimensões diageracional, diassexual e cultural, confirmando o fenômeno da conservação ou inovação linguística entre os falantes do sexo feminino, com destaque para a segunda geração, em que os homens também registram formas inovadoras. Os dados expostos no interior das variáveis sociais (sexo e faixa etária) encontram-se condicionados ao contexto areal, considerando que os espaços físicos se constituíram a partir dos movimentos dos grupos, os quais têm determinado o aparecimento das variantes e, numa avaliação mais detalhada, também atuam sobre os fenômenos de conservação, inovação e transição da variação linguística.

O olhar do estudioso deve estender-se, portanto, em todas as direções e o maior desafio está na identificação da relação transversal, que se estabelece entre os aspectos diatópicos, diastráticos, históricos, culturais e sociais do fenômeno da variação.

Referências

AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). **Atlas Lingüístico do Paraná – ALPR**. São Paulo: Assis, 1994.

_____. **Entrevistas do ALPR**. s.d. Acervo em mídia digital disponível na sala 619 do Instituto de Referência em Ciências Humanas do CLCH-UEL.

ALVAR, Manuel (Dir.). **Manual de dialectología hispánica**. El español de España. Barcelona: Ariel, 1996.

ALTINO, Fabiane Cristina. **Atlas Lingüístico do Paraná II**. 2007. 223p. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2v.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **A geografia lingüística no Brasil**. São Paulo: Ática, 2005.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulário Portuguez & Latino, aulico, anatomico, architectonic**. Coimbra: 1712 – 1728. Disponível em: <<http://www.ieb.usp.br/online/index.asp>>. Acesso em: 27 ago. 2008.

BUSSE, Sanimar. *Atlas Lingüístico-etnográfico da Região Oeste do Paraná – ALERO*. 2007. [Tese de Doutorado em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina iniciado em 2007].

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. A geolingüística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional? **Revista do GELNE**, v. 4, n. 1/2, 2002.

COSERIU, Eugenio. **Sincronia, Diacronia e Historia**. El problema Del Cambio lingüístico. Madrid: Gredos, 1988.

GREGORY, Valdir. **Os eurobrasileiros e o espaço colonial: migrações no Oeste do Paraná (1940-1970)**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2005.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Disponível em: <<http://www.uol.com.br/>>.

KOCH, Walter; KLASSMANN, Mário Silfredo; ALTENHOFEN, Cléo Wilson. **ALERS: Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil**. Volume I e II. Introdução. Porto Alegre; Florianópolis; Curitiba: UFRGS/Ed; UFSC/Ed; UFPR, 2002.

LABOV, William. **Sociolinguistique**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1976.

_____. **Principios del Cambio Lingüístico**. Volumen 1: Factores Internos. Madrid: Gredos, 1994.

_____. **Principios del Cambio Lingüístico**. Volumen 2: Factores Sociales. Madrid: Gredos, 1994.

MERCER, José Luiz. Áreas fonéticas do Paraná: dados preliminares do ALERS. In: **Revista da ABRALIN**, Boletim n. 14, ago. 1993. São Paulo: jul. 1993.

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2004.

POTTIER, Bernard. Dialectología y Gramática. In: ALVAR, Manuel. **Manual de dialectología hispánica: el español de Espanha**. Barcelona: Ariel, 1996.

RADTKE, Edgar; THUN, Harald. Nuevos Caminos de La Geolinguística Românica: un balance. In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald. **Dialetologia Pluridimensional Românica**. Heidelberg/Mainz: Westensee-Verlag Kiel, 1991.

THUN, Harald. La géographie linguistique romane à la fin du XX^e siècle. In: ENGLEBERT, Annick; PIERRARD, Michel; ROSIER, Laurence; van RAEMDONCK, Dan. **Actes do XXII^e Congrès**

International de Linguistique et de Philologie Romanes.
Bruxelas: Max Niemeyer Verlag, 1998.

_____. O português americano fora do Brasil. In: GÄRTNER, Eberhard; HUNDT, Christine; SCHÖNBERGER, Axel. **Estudos de geolingüística do português americano.** Frankfurt am Main: TFM, 2000.

_____. A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata. In: ZILLES, Ana Maria Stahl. **Estudos de variação lingüística no Brasil e no Cone Sul.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

TRUDGILL, Peter. **Sociolinguistics:** an introduction to language and society. Penguin Books: Canadá, 1974.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin L. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística.** São Paulo: Parábola, 2006.